

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

82

INSCRIÇÕES 364-367



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2006

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....
Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de



CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

PORTUGAL

POCTI Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação
do Quadro Comunitário de Apoio III

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal N° 21216/88

ARA LONGROIVENSE

Ara granítica de grão fino, foi encontrada pelo Sr. Lopes (?) na Quinta dos Lagares, numa empena de uma porta de um casebre, ignorando assim o local exacto de onde a ara teria provindo. Essa quinta pertence à freguesia de Longroiva, donde dista cerca de 2 km¹.

Encontra-se actualmente na residência do proprietário, em Longroiva.

É um monumento em que se destaca um campo epigráfico delimitado por uma moldura rectangular, um pouco raspada na face direita e sem qualquer motivo decorativo. No capitel há um fôculo ladeado por 2 toros, tendo o toro esquerdo sofrido bastante desgaste, enquanto que o toro direito se encontra intacto.

Dimensões: 92 x 36,5 x 31.

Campo epigráfico: 48 x 24.

TORQV/ATV · CI/LAMPV/RI · F(*ilius*) CAL⁵/VA · BON/CO ·
VOTV/M · SOLVIT / S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*ewis*)

Torquato, filho de Cilampuro; Calva cumpriu o voto a Bonco. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2: 2; l. 3: 4,6; l. 4: 5; l. 6: 4; l. 7: 4,5; l. 8: 4,3. Espaços: 1 a 2: 1; 3: 2; 4 e 5: 1; 6: 2; 7: 1; 8: 2; 9: 1.

¹ A localização do monumento fez-se na busca a que procedemos para um trabalho da cadeira de Origens do Homem e da Civilização leccionada pelo Doutor João L. Inês Vaz, na Universidade Católica de Viseu, no ano de 1996. Para ele vai o nosso agradecimento pelo apoio que nos prestou na elaboração do trabalho e no estudo da inscrição. Posteriormente, em 2001, foi referida por Adriano Vasco Rodrigues na *Monografia da Meda*. A pouca divulgação desta obra leva-nos a fazer a sua republicação no *Ficheiro Epigráfico*.

Nota-se irregularidade das letras que vão diminuindo de tamanho (de 5 a 2 cm), o que mostra dificuldades de manuseamento dos instrumentos de gravação por parte do *lapidarius*.

Quanto à paginação, existe uma ordenação mais ou menos regular, verificando-se um certo alinhamento à esquerda e à direita do campo epigráfico. A l. 8, onde estão gravadas sete letras, revela um grande aproveitamento do espaço epigráfico, o mesmo não se verificando na l. 1, em que as letras estão insculpidas em grande relevo, sendo o espaço ocupado com apenas 5 letras. São letras capitais mas, no entanto, as letras *P* (l. 3) e *R* (l. 4), não são fechadas, ou seja, não terminam a pança, característica que não é comum e que revelará uma antiguidade bastante grande. As letras que oferecem maiores dificuldades de leitura são a letra *F* (l. 4), encontrando-se pouco visível, e a letra *P* (l. 3).

Os nomes que aparecem nesta inscrição são inéditos, com exceção do *cognomen Torquatus*. Este *cognomen* é romano e designava inicialmente uma pessoa com adornos, existindo também em duas inscrições na Península Ibérica: uma em Herrera (Écija) e a outra na Mancha Real². Quanto aos restantes nomes, apenas posso dizer que *Cilampurus* é um nome inédito, que seria o pai de *Torquatus*; *Boncus* é o nome de uma divindade, também inédito, que se encontra em dativo, e *Calva* é um cognome, considerado de origem etrusca, como sufixo *-a*, que se relaciona com “cabeça”.

A inscrição apresenta a fórmula funerária habitual neste tipo de inscrições, apesar de não se encontrar gravada a primeira inicial *S* (l. 8), que deveria fazer parte da fórmula – *STTL* – “que a terra te seja leve”.

Esta ara é notável sobretudo pelo facto de ser simultaneamente funerária e votiva e apresentar uma nova divindade até agora desconhecida do panteão indígena.

Na zona dos Lagares onde têm aparecido outros vestígios arqueológicos datáveis dos séculos I e II d. C.³. Esta ara poderá datar dos princípios da nossa era.

SUSANA FALHAS

² CIL II 1452 e 5095 e ILER 2809.

³ Adriano Vasco RODRIGUES, *Terra de Mêda*, Câmara Municipal de Meda, 1984, pág. 86.



364

PLACA FUNERÁRIA DE ALDEIA DE SANTA
MADALENA (GUARDA)

A inscrição foi identificada em Dezembro de 2003 na igreja de Aldeia de Santa Madalena (freguesia de Vila Fernando, concelho da Guarda)¹. A epígrafe encontra-se embutida no exterior da parede nascente da capela-mor e foi descoberta após a remoção do reboco caído que revestia o imóvel. Apresenta, por isso mesmo, restos de argamassa e evidencia algumas escoriações provocadas pelos trabalhos de picagem das paredes. Desconhece-se a data do reaproveitamento na construção, mas pela sua localização do lado nascente da igreja, apenas a um metro de altura do solo, poderá recuar à época de fundação do templo.

Trata-se de um bloco aparelhado de granito de grão fino, de configuração quadrangular, aparentemente alisado em todas as faces, de dimensão média e bem conservado. O campo epigráfico, sem qualquer moldura, ocupa toda a extensão da face principal e a inscrição encontra-se completa, proporcionando a leitura integral do epitáfio.

Dimensões: 46,5 x 44,5 x [3].

DVDAMVS / DVATI (*filius*) ET / BOLOSEA / SIMATIS F(*ilia*)
/ H(*ic*) ·? S(*iti*) · S(*unt*)?

Dudamo, filho de Duácio, e Boloseia, filha de Simate, aqui jazem.

Altura das letras: l. 1: 7 (V=8); l. 2: 6,5 (T = 6); l. 3: 7 (E e O = 6);
l. 4: 7; l. 5: 3.

Espaços: 1: 3-4; 2: 1,5-2; 3: 1,5-2; 4: 2-2,5; 5: 0,3; 6: 3.

¹ A epígrafe foi detectada por Bruno Santos, um colaborador da actividade arqueológica do concelho do Sabugal. A povoação situa-se próxima do limite deste concelho, na base do Cabeço das Fráguas, onde está gravada a famosa inscrição rupestre em língua lusitana.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda (margem de 4-6 cm) e tendência para eixo de simetria na última linha. Texto distribuído por cinco linhas, dispondo logicamente o nome dos defuntos pelas 1ª e 3ª, enquanto a respectiva filiação aparece nas linhas imediatas (2ª e 4ª).

Na última linha gravou-se a fórmula final, com módulo menor, onde se lê um H e um S, anormalmente deitado, separados por um hipotético ponto que foi danificado pela picagem do reboco. Pressupõe-se a existência de outro S, apagado e encoberto pela argamassa, separado da letra anterior por um ponto, mais consentâneo com o formulário corrente e dando maior equilíbrio à derradeira linha.

As letras encontram-se gravadas com profundidade, salvo os dois primeiros caracteres da l.3 e a última letra da fórmula final, que estão ligeiramente apagados. O *ordinator* não recorreu a nexos, desnecessários num texto em que cada palavra ocupa uma linha, o que denota um certo apuro na execução gráfica. A pontuação adivinha-se apenas na fórmula final.

Não foram empregues quaisquer linhas auxiliares, por isso os caracteres são irregulares e revelam uma inconstância na morfologia e na inclinação, ao longo do texto, como por exemplo os VV, os DD e os SS. Os EE têm as hastes horizontais da mesma dimensão, os MM são construídos a partir de N, os OO são perfeitamente circulares, os SS inclinados para diante (quase cursivos) e os AA não apresentam haste horizontal, excepto na 1ª linha.

O nome dos defuntos está em nominativo e estes identificam-se à maneira indígena, apenas com o *cognomen* e a respectiva filiação, omitindo o primeiro deles a abreviatura F(*ilius*), enquanto o segundo não – provavelmente por lapso do *ordinator* ou por razões de paginação.

Não é discriminado qualquer laço familiar ou social entre os dois, mas deve tratar-se de um casal: no cabeçalho da inscrição aparece naturalmente o marido, mais destacado, enquanto a esposa surge na 3ª linha, separada pela conjunção ET. O epitáfio identifica apenas os defuntos e estaria integrado num monumento funerário familiar.

Dudamus é caso único em toda a Península Ibérica², mas deve tratar-se de uma variante sonorizada de *Toutamus*³, derivado do radical *teuta* (= povo), tal como os conhecidos *Touta*, *Toutius* e *Toutonius*⁴.

² ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994), *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones; [Madrid]: Universidad Complutense (Arqueología; I. Anejos de Antigüedad y cristianismo; 2).

³ Sugestão gentilmente partilhada por Fernando Patrício Curado.

⁴ ALBERTOS FIRMAT, M.^a de Lourdes (1966), *La onomastica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, p. 232.

O *cognomen Duatius* é mais vulgar e é lembrado nesta mesma região, em Vila Boa (Sabugal)⁵. O antropónimo feminino *Bolosea* também é pouco frequente, registando-se apenas dois casos em Espanha, relativamente próximos deste território⁶, e duas variantes em Idanha-a-Velha⁷. O patronímico *Simate* ou *Simatis* é desconhecido e, a ser de origem indígena, poderá tratar-se de um *hapax*⁸, se não derivar do grego *Simas* ou *Simatetes*⁹. São, pois, quatro antropónimos que vêm enriquecer as listas de onomástica peninsular.

Tendo em conta a simplicidade e concisão do texto, o uso do nominativo, a não alusão à idade e a ausência da invocação aos Deuses Manes, poderíamos apontar uma cronologia da primeira metade do séc. I d.C., mas em função da antroponímia e das particularidades paleográficas, nomeadamente do desenho dos SS, esta cronologia poderá ser mais tardia.

MARCOS OSÓRIO

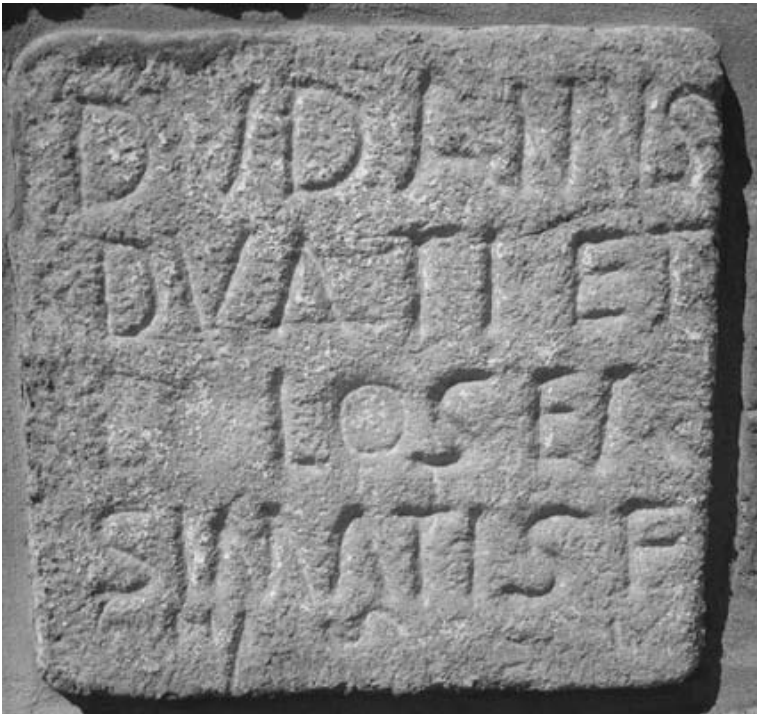
⁵ CURADO, Fernando Patrício (1988), «Estelas funerárias de Vila Boa (Sabugal)», *Ficheiro Epigráfico*, 27 (123.1), Coimbra. Este autor lembra aí outros casos existentes: em Penacova, Queiriz, Conimbriga, Capinha, Idanha-a-Velha, Nisa e Aliseda (Cáceres).

⁶ Em San Martín del Castañar (Salamanca): ALBERTOS FIRMAT, M.^a de Lourdes (1964), «Nuevos antropónimos hispánicos», *Emerita*, 32, Madrid, p. 230. HERNÁNDEZ GUERRA, Libório (2001), *Epigrafía de época romana de la provincia de Salamanca*, Valladolid: Centro Buendía, Universidad de Valladolid, p. 102; e em Caparra (Cáceres): CIL II 834 e ILER 3717.

⁷ A variante feminina *Bolosa* (CIL II 440) e a forma masculina em genitivo *Bolosi* (HAE 1108).

⁸ Com o mesmo radical, existe o antropónimo *Simalasia*, muito próximo, na Meimoa (Penamacor): ALBERTOS FIRMAT, M.^a de Lourdes (1982), «Los antropónimos indígenas de las inscripciones romanas de la región de Penamacor», *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, p. 54.

⁹ Neste último caso, poderíamos supor que se trata da corrupção oral do grego *συνμαθητης*, com o significado de condiscípulo ou companheiro, condizente com os hábitos onomásticos dos escravos. *Vide* nota 3.



365

ESTELA FUNERÁRIA DOS MOSTEIROS
(S. BARTOLOMEU DO OUTEIRO, PORTEL)
(*Conventus Pacensis*)

Estela funerária de granito, com frontão triangular decorado, descoberta em 1992, reaproveitada numa das sepulturas da basílica tardo-antiga, datada do século VI d. C. A epígrafe foi identificada no decorrer dos trabalhos de escavação arqueológica na estação arqueológica dos Mosteiros, freguesia de S. Bartolomeu do Outeiro (Portel)¹, classificada tipologicamente como *villa* romana, com uma ocupação datada desde o século II d. C. até ao início do período islâmico².

A decoração no frontão insere-se numa dupla moldura; ao centro, uma roseta estilizada de seis pétalas, inserida num círculo; do lado direito, uma cruz suástica e, do lado esquerdo, uma roseta de quatro pétalas³. O campo epigráfico está enquadrado numa dupla moldura. O texto é de difícil leitura devido ao desgaste do campo epigráfico.

Dimensões: 120 x 60 x 11.

Frontão: 30 (conservados) x 37.

Elementos decorativos: rosácea de quatro pétalas: 11; rosácea estilizada de seis pétalas: 12; cruz suástica: 12.

Campo epigráfico: 44 x 42.

¹ A epígrafe encontra-se actualmente nos depósitos da Câmara Municipal de Portel.

² Sobre o sítio arqueológico *vide*: ALFENIM, Rafael (1992), *Mosteiros – Portel. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos*. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Direcção Regional de Évora. ALFENIM, Rafael e LIMA, Paulo (1992), “Breve notícia sobre a Campanha Arqueológica de 1992 na Igreja Visigótica do Sítio dos Mosteiros, Portel”, in *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa. GOMES, Sofia de Melo (1995), *Relatório da Campanha de Escavações Arqueológicas no Sítio dos Mosteiros (Portel)*. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Direcção Regional de Évora (Processo n.º 208.020).

³ O frontão encontra-se fragmentado na parte superior esquerda.

D(is) [M(anibus)] S(acrum) / LVCINA VIXIT / ANN(is) XXXXV
(quinque et quadraginta) PRIS⁵CINVS ET CRYSERO / FRATRES
PIENTISS(mae) / POSVER[V]N[T] H(ic) / E(st) S(it) T(ibi) T(erra)
[L(evis)]

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lucina. Viveu quarenta e cinco anos. Os irmãos, Priscino e Crísero, colocaram à modelo de piedade. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 2,5; l. 2: 2,5/2,3; l. 3: 2,5/2,6; l. 4: 2,5; l. 5: 2,5; l. 6: 2,5; l. 7: 2,5. Espaços: 1 e 2: 1,5/2; 2 a 5: 1,5; 6: 1,5/2,5; 7: 1,5.

Paginação ligeiramente assimétrica, sem auxílio de linhas de pauta. A pontuação é, aparentemente, inexistente. O *ductus* é composto por caracteres actuários, sendo a haste do T ligeiramente inclinada para a direita.

O desgaste a que o monumento esteve sujeito verifica-se, essencialmente, localizado na parte direita do campo epigráfico, dificultando a leitura do mesmo. Na l. 1 é nítido o D e o S, sendo o M de difícil identificação. Na l. 2 lê-se, seguramente, LVC, sendo o I e N pouco perceptíveis, o A assemelha-se a um X, no entanto a análise de todos os caracteres permitiu verificar a ausência de fecho da haste do A pelo lapicida, visível também na l. 4 na menção da idade da defunta – *ann* – e, na l. 5, em *fratres*.

Na l. 4, a menção da idade apresenta algumas dúvidas: é bastante perceptível XXX, sendo o quarto X provável, devido ao espaço para a letra e ao facto de a haste do X se inclinar para a esquerda, característica semelhante aos restantes; segue-se o V e teremos *quinque et quadraginta*. Posteriormente, vem identificado o primeiro dedicante, sem qualquer espaço de intervalo entre o mesmo e a idade, PRIS, na l. 4, um C, sendo o I e N pouco gravados, com pequenas hastes que se encontram com escoriações, aparentando existir um nexu NV. De facto, verifica-se um ajustamento do texto mais à esquerda, possível opção por parte do lapicida com receio de não conseguir colocar toda a informação prevista na minuta; segue-se ETC, constituindo os caracteres mais nítidos da inscrição, e as dúvidas residiram no R e Y, seguidos de SERO, sem dúvida alguma. A opção tomada pelos caracteres R e Y (*Crysero*) relaciona-se com a comparação de outros caracteres existentes na lápide e pelo sentido textual mais viável⁴.

⁴ Salienta-se a hipótese de *Crusero*.

Na l. 5, a leitura de *fratres* não apresentou dúvidas, embora o segundo R se encontre com escoriações, seguido de *pietiss*, levemente gravado. Na l. 6 *posuerunt* e *H(ic)*, verificando-se a inexistência de *Sita*, que não reconstituímos por dois motivos: em primeiro lugar, por na paginação da inscrição, embora seja assimétrica, o alinhamento da direita ser uma constante; em segundo lugar, dada a inexistência de qualquer vestígio de letra, denotando uma irregularidade do latim escrito⁵. A fórmula termina na l. 7, *E(st) S(it) T(ibi) T(erra)*, sendo o último carácter pouco perceptível, reconstituindo-se *L(evis)*.

A estela funerária documenta indivíduos com um estatuto social servil ou indígenas romanizados, se atendermos à sua identificação pelo cognome, sendo um dos dedicantes de origem grega, e a inexistência da indicação da filiação.

No que concerne à invocação aos deuses Manes, recorde-se que José d'Encarnação (1984, 819) sublinha “(...) A ideia de que a sua adopção generalizada no *conventus* é importante indício de aculturação religiosa”.

A onomástica presente na inscrição encontra-se representada no *conventus Pacensis*. A defunta ostenta um cognome latino documentado numa placa funerária proveniente de Mértola (*Publia Lucina* – IRCP 192). *Lucina* deriva do prenome *Lucius*, podendo conotar certa índole cultural⁶. José d'Encarnação (1984, p. 175) salienta que “(...) por *Lucina* se designa a divindade que preside os partos, assimilada quer a Diana quer a Juno. O cognome pode ter sido, portanto, atribuído atendendo a qualquer circunstância ocorrida no parto” ou, simplesmente, a atribuição feminina de *Lucius*, em jeito de homenagem.

O antropónimo *Priscinus*, de um dos dedicantes e irmão de *Lucina*, encontra-se também documentado num cipo funerário no Torão (Alcácer do Sal)⁷ e em Badajoz⁸.

Crysero (*Chryseros*), cognome de origem grega, documenta-se em Nossa Senhora de Aires/Herdade das Paredes (Viana do Alentejo) (IRCP 419), Idanha-a-Velha⁹, Córdoba¹⁰ e Tarragona¹¹.

⁵ Cfr. ENCARNÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização* (=IRCP), Coimbra, 1984, p. 836.

⁶ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982, p. 114, 173 e 176.

⁷ Perto da capela de S. João dos Azinhais: IRCP 196.

⁸ CIL II 2355 e ILER 4782.

⁹ CIL 435. ALMEIDA (Fernando de), *Egitânia*, Lisboa, 1956, n.º 8, p. 146 e 147.

¹⁰ HAE 277 e ILER 6469.

¹¹ CIL II 4361; ILER 4921; RIT 565.

Expostas as considerações onomásticas da estela, merece uma referência o perdurar da idade de *Lucina* gravada na pedra. José d'Encarnação apresentou na IV Mesa Redonda Internacionalem Mérida, uma comunicação¹² em que salienta diferentes aspectos na representação da idade da morte na epigrafia: aspecto cultural, na presença ou ausência da menção da idade; aspecto prático da vida quotidiana, na generalidade do arredondamento em lustros (p. 241), e um aspecto simbólico que o número “quarenta” representa. “(...) A adopção desse carácter simbólico implica uma aculturação – se não plena – pelo menos adiantada, (...)” a acrescentar ao que se tem escrito sobre a utilização, nos epitáfios romanos, do arredondamento das idades em múltiplos de cinco, haverá, porventura, a considerar que «morrer aos quarenta anos» significará, entre os Romanos, «ter vivido em plenitude» (...)” (p. 244).

As relações familiares encontram-se expressas no documento epigráfico, *Priscinus* e *Crysero*, mandaram erigir em última homenagem pública um epitáfio à sua irmã *pietissima*, verificando-se nestes casos “(...) um desejo de manter o defunto na comunidade dos vivos, a possibilidade que se lhe reconhece de efectivamente intervir nessa comunidade (...) interessava dar ao passante uma imagem agradável, pura, para que não temesse o morto e lhe desejasse, afável, *sit tibi terra levis* (...)” (IRCP p. 786).

Por último, salienta-se o aspecto decorativo da estela. O frontão triangular arranca partindo de uma rosácea de quatro pétalas, do lado esquerdo e de uma cruz suástica, do lado direito; ao centro, rosácea estilizada de seis pétalas. A uniformidade decorativa não está patente, sendo o tema central a representatividade de elementos vegetalistas, a diferença reside na maior ou menor estilização e constituição de pétalas, mas a simbologia é comum¹³.

No *conventus Pacensis*, verifica-se uma simbiose tipológica nas estelas funerárias de frontão triangular decorado com rosáceas, provenientes de locais como Pisões (Beja – IRCP 301); Beja (?) – IRCP

¹² «Morrer aos 40 anos na Lusitânia romana», *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, p. 241-247.

¹³ Relativamente à representação da rosácea, os investigadores identificam uma conotação simbólica solar. Sobre este assunto, cfr.: MANTAS (Vasco Gil), «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 81-83; BERNARDES (João Pedro), «Romanização e sociedade rural na *civitas* de *Collipo*», *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, p. 426-428.

351); Quinta de Marim (Quelfes, Olhão)¹⁴, diferenciando-se, apenas no regionalismo do material gravado¹⁵.

Face ao exposto, tendo em consideração a paleografia, a invocação aos deuses Manes, identificação do defunto, menção da idade, dedicantes, grau de parentesco, fórmulas finais, tipologia e decoração, a estela enquadra-se na 2ª metade do século II.

MARIA JOÃO ÂNGELO



366

¹⁴ IRCP 49 (neste caso estela de duplo frontão), 51, 52 e 54.

¹⁵ Na região de Beja predomina a utilização do mármore de Trigaches e, em Olhão (Quinta de Marim), o calcário.

PLACA DOS MOSTEIROS
(S. BARTOLOMEU DO OUTEIRO, PORTEL)
(*Conventus Pacensis*)

Fragmento de placa de mármore, encontrada descontextualizada e reaproveitada na freguesia de Oriola, (Portel)¹, sendo a sua proveniência do sítio arqueológico dos Mosteiros, freguesia de S. Bartolomeu do Outeiro (Portel).

O monumento encontra-se bastante fracturado e incompleto, não permitindo retirar da sua leitura textual muitas considerações.

Dimensões: 26 x 7/14,5 x 7.

[...] X?A / [...] (*hedera*) / [...]ROA / V? [...]

Altura das letras: l. 1: X? = 2,9; A = 3,8; l. 2: *hedera* = 5; l. 3: R = 3; O = 3,9; A = 4,9. Espaços: 1: 7; 2: 1; 3: 2,5; 4: 2,8.

Pela análise do que resta da placa bastante fragmentada, verifica-se uma assimetria na distribuição dos caracteres no campo epigráfico. Caracteres actuários, de *ductus* irregular, bem gravados, com ligeira inclinação para a direita. A utilização de heras poderá relacionar-se com a pontuação do texto ou, simplesmente, com a vontade de lhe atribuir uma conotação estética.

Na primeira linha conservada, apenas se observa a metade inferior da haste vertical – X ?, seguido de A. A 3ª linha apresenta sem dúvida R O A e, na última linha, um V ?.

¹ Actualmente encontra-se nos depósitos da Câmara Municipal de Portel. Agradecemos a Rafael Alfenim e Paulo Lima o auxílio para a realização da presente publicação.

Dada a ausência textual, não é possível elaborar um comentário histórico nem determinar a sua cronologia.

MARIA JOÃO ÂNGELO



367